



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

*Discurso em visita ao gabinete
de aproveitamento do médio
Kwanza, no GAMEK*

ANGOLA, 25 DE NOVEMBRO DE 1996

Meus caros Amigos que aqui se encontram; Senhores Ministros que me acompanham, e são muitos; Senhores Dirigentes das empresas brasileiras; Senhor José Fernandes, que é o nosso Diretor, aqui, desta Organização, no GAMEK; Senhora Deputada; Senador Lobo Borges; Embaixador Alexandre; Dona Valéria; Senhores Empresários que organizaram, inicialmente, este encontro; Dr. Emílio, que aqui está;

É um ato bastante simples este encontro, mal chegado aqui, a Golan-tes, mesmo que nós não nos tenhamos encontrado ainda com o Presidente e amigo Eduardo Santos. Mas é um ato de amizade da parte dos brasileiros que aqui se encontram e estão trabalhando em Angola e dos angolanos que aqui também se encontram e dos Embaixadores, aos quais ainda não me referi, dos países de língua portuguesa, e já mostra o espírito da nossa visita aqui a Angola, a minha e a de Ruth.

Fiz questão que Angola fosse o primeiro país do continente africano que eu pisasse como Presidente da República. Houve várias tentativas para eu vir em outras oportunidades. As coisas não são fáceis, na agenda internacional, mas, finalmente, foi possível. E é

com entusiasmo que estou aqui, em Angola, pelas razões que o Embaixador já declinou.

Na verdade, nós estamos vivendo, hoje, um novo momento de Angola, das relações do Brasil com Angola e do Brasil também. Não preciso repisar que o que nos traz a Angola não tem nada a ver com outro interesse senão o de estabelecermos um contato afetivo e um contato efetivo. Afetivo pela cultura, pelo sentimento, e efetivo pelas relações de investimento, pelas relações comerciais.

Tudo isso veio de um quadro político muito claro: a posição do Governo do Brasil, do Estado brasileiro, nos seus vários governos, foi, invariavelmente, a mesma com relação a Angola. Nós sempre apoiamos a existência de Angola, de um governo que seja representativo do povo angolano. E sempre apoiamos todos os movimentos que levassem à paz em Angola. E continuamos assim.

O Brasil hoje tem, como os senhores sabem, mais de mil soldados brasileiros, de oficiais brasileiros, ajudando nesse processo, o que é um esforço significativo para o nosso país. É o maior contingente, depois da Segunda Guerra Mundial, quando tivemos 25 mil homens na Itália, que o Brasil já enviou a algum país. E não foi por acaso que o enviou para Angola, mas pela irmandade que nós temos para com Angola, pelo nosso sentimento de afeto por este país e pelo interesse de que aqui exista, realmente, um ambiente de paz e de democracia.

É difícil. Para nós, lá, no Brasil, também foi difícil, em vários momentos da nossa história. Mas se está realizando. O fato, mesmo, de nós termos conseguido, como o Embaixador ressaltou há pouco, alguns avanços significativos – o “nós” que eu digo são os angolanos; apenas estamos dando o nosso testemunho de afeto –, de termos conseguido prosseguir nessa direção é algo que mostra que o caminho está materializando-se.

Estamos aqui torcendo e, dentro do limite do que é possível para um Chefe de Estado de outro país manifestar-se sobre essas questões, queremos dizer que esperamos, com muita ansiedade, que realmente os acordos de Lusaka se efetivem e que realmente haja tranquilidade

para todo o povo de Angola, através da unificação de facções que, no passado, se combateram.

O Brasil estará sempre disposto a sustentar a palavra empenhada, para que esses acordos possam se efetivar da forma mais tranqüila possível.

Também não gostaria de deixar de dizer aos brasileiros que aqui estão que, se, em outros momentos da história, a presença do Brasil aqui pudesse ter sido interpretada de outra forma, hoje só há uma maneira de interpretarmos a presença do Brasil em qualquer parte do mundo: que o Brasil se integre na comunidade universal, de maneira competitiva, aberta, pacífica e democrática.

Ontem, em São Paulo, capital, inaugurei uma exposição espanhola. É uma importante exposição. E eu estava fazendo recordar que, em algum momento, num passado remoto, no século XVII, Portugal e Espanha se uniram, houve a união das duas coroas. Isso teve efeitos no Brasil – efeitos nem todos positivos, porque houve uma invasão, invasão holandesa, por causa das lutas dinásticas. De modo que precisávamos lá, no Brasil, reafirmar, ou melhor, afirmar a nossa presença, como brasileiros, na luta contra os holandeses.

Pois bem, ontem estávamos lá, em São Paulo, inaugurando uma exposição na qual buscávamos, de novo, a presença espanhola e a integração. E, mais ainda, no dia anterior, no Rio de Janeiro, numa licitação pública, espanhóis, portugueses e chilenos ganharam uma concorrência para a energia elétrica do Rio de Janeiro.

Então, agora, essa aliança, essa comunidade ibero-americana era uma comunidade de vontades livres. Se antes foi decisão de terceiros, que teve conseqüências não almejadas por nós, agora nós almejamos essa integração.

Ora, se isso é assim com a Europa, com Portugal, com a Espanha, com mais forte razão com a África; com mais forte razão aqui, no caso presente, com Angola. Nós queremos, com o mesmo espírito que queremos a aproximação ibero-americana e a da União Européia com o Mercosul, a aproximação do Brasil com Angola, do Mercosul com a parte sul da África, com o Sadek, porque achamos

que é por esse caminho que é possível construir, realmente, um mundo de prosperidade, um mundo de paz e um mundo no qual possa reger a democracia. É esse o sentido da nossa presença aqui, em Angola.

Finalmente, acho que estamos ansiosos por ver uma parte que não vimos ainda, a da exposição que foi organizada, mas, ao entrar, ao ver, por um lado, as esculturas, havíamos já perguntado, um pouco perplexos, se ainda havia a tradição, tão rica, das esculturas de madeira angolanas, e elas estão aí, vivas. Por outro lado, ao ver o que chamamos de atabaque – não sei como se chama aqui – batendo, recordei-me de que, ontem, à noite, no Rio de Janeiro, tentando mostrar ao Comitê Olímpico a importância de o Rio vir a ser a sede das próximas olimpíadas, quando eu cheguei ao Palácio do Itamaraty estava lá, espontaneamente – pelo menos foi o que me disseram –, a Mangueira, ou um setor da Mangueira, para mostrar, não a mim, que estou mais que cansado de conhecer a Mangueira, mas aos membros do Comitê Olímpico o Brasil, e o Brasil era a Mangueira. Quando cheguei aqui, vendo o atabaque, eu vi a Mangueira de novo.

De modo que nós temos, realmente, essa herança cultural comum, que é preciosa. Acho que são razões mais do que suficientes para eu dizer simplesmente uma palavra: muito obrigado. Obrigado a todos vocês e ao Embaixador.